



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO SENHOR ENOCH KWAYEB
NOVO EMBAIXADOR DE CAMARÕES
JUNTO DA SANTA SÉ POR OCASIÃO
DA APRESENTAÇÃO DAS CARTAS CREDENCIAIS**

17 de Junho de 1982

Senhor Embaixador

Pelas amáveis palavras há pouco pronunciadas por Vossa Excelência no momento em que apresentou as Cartas do Excelentíssimo Presidente Ahmadou Ahidjo acreditando-o como Embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Unida dos Camarões junto da Santa Sé, indicou com felicidade um traço característico da acção do seu país: o apego que tem aos valores espirituais e à liberdade religiosa.

Esta nobre atitude traduz-se na tranquilidade de que beneficia a Igreja católica, como outras comunidades religiosas, para se entregar às diversas actividades inerentes à sua missão espiritual. É honroso para o seu país mostrar assim a estima devida a este direito fundamental de todo o cidadão, direito de se associar sem constrangimento aos seus concidadãos para prestar ao Criador o culto que a sua consciência lhe dita. Este direito — é acaso necessário recordá-lo? — encontra o seu fundamento na dignidade mesma da pessoa humana. Com viva satisfação felicito-me vendo os seus compatriotas livres em responder às aspirações que o Todo-Poderoso inscreveu no coração de todo o homem.

A atenção assim dedicada, a justo título, à liberdade religiosa inclui o respeito da autonomia da Igreja. Ela tem, com efeito, o direito de regular segundo as suas próprias normas o que diz respeito à vida religiosa dos fiéis. Porque existe íntima relação entre a liberdade religiosa dos cidadãos e a da Igreja em se organizar sem obstáculos. São os dois aspectos de uma realidade única.

Mas, por sua vez, a Igreja professa grandíssima consideração diante das autoridades públicas no exercício da sua pesada tarefa de velar pelo bem comum da nação inteira, fazendo progredir a justiça e a harmonia entre todos. Ela concorre, aliás, na medida dos seus meios e nos limites da sua competência, para a salvaguarda e o aumento do que faz a grandeza autêntica da nação.

Sabe, Senhor Embaixador, que a Igreja se esforça, há numerosos anos — já bem antes da aquisição da independência — por prestar à República dos Camarões preciosos serviços. Nisto ela não se inspirou em qualquer consideração de interesse, mas no amor para com todos os habitantes do seu país. A sua vontade de servir encontrou formas variadas, adaptando-se às diversas necessidades sentidas, à medida que elas se foram manifestando. Assim dedica-se, graças à generosidade de homens e de mulheres, que suscitaram émulos, entre os seus compatriotas, a cuidar dos corpos, a educar os espíritos e a elevar as almas. Ainda hoje, ela não alimenta outro desígnio senão o de continuar a obra assim empreendida e já florescente.

Muitas vezes, foram os hospitais e os dispensários das missões que abriram o caminho à medicina moderna e fizeram recuar deste modo o espectro das epidemias e de numerosas doenças crónicas. A Igreja empregou-se igualmente, graças às suas obras sociais, em valer às necessidades momentâneas de pessoas necessitadas, e em colaborar na reinserção na sociedade das vítimas de calamidades diversas. Ela entrega-se ainda à tarefa engrandecedora da educação dos filhos e das filhas da República dos Camarões, apesar das dificuldades e dos obstáculos, a fim de lhes permitir contactar com as realidades do mundo contemporâneo para uma formação adequada, ao mesmo tempo respeitadora dos valores culturais existentes mas simultaneamente a uma confrontação benéfica com outras civilizações.

Propondo enfim, no escrupuloso respeito da liberdade, as riquezas do Evangelho, ela tem consciência de, mostrando-lhes os caminhos de um ideal exigente, ajudar os jovens a prepararem-se para tomar amanhã as responsabilidades que lhes competem. É testemunho disto, por exemplo, o número de responsáveis actuais do seu país saídos das escolas católicas.

Desejaria ainda assinalar outro aspecto das relações frutuosas que unem a Igreja e a República dos Camarões: trata-se das que se estabeleceram no plano diplomático entre a Santa Sé e o seu país desde 1966 e que tiveram o bom efeito de aprofundar o diálogo já existente. Teve a bondade de recordar a acção benéfica dos representantes da Santa Sé em Yaoundé. Felicito-me igualmente, pela minha parte, vendo progredir, graças à acção da sua Embaixada, estes esforços de compreensão mútua e de estima recíproca. Não se limitam, com efeito, unicamente às relações bilaterais. Convergem no domínio, das relações internacionais, em particular nos organismos em que a Santa Sé e a República dos Camarões estão representadas. Esta vontade de entendimento íntimo tem por fim servir, em toda a parte em que isto se manifesta necessário, ao estabelecimento de condições favoráveis à paz e à harmonia. A existência de tal rede de solidariedade permite evitar as tensões nascidas da ignorância ou da incompreensão entre as nações. Por isso desejo vivamente que, graças à sua actividade, a Igreja e a República dos

Camarões possam continuar juntas — na África como noutros continentes — a obra de paz a que estão uma e outra aplicadas.

Acrescento a isto os meus votos fervorosos de bom êxito da sua missão. Sabe poder sempre encontrar junto da Santa Sé toda a atenção e o acolhimento de que tiver necessidade. Permita-me ainda, Excelência, antes de nos separarmos, pedir-lhe a gentileza de transmitir a minha saudação cordial e deferente ao Senhor Presidente Ahmadou Ahidjo, com os votos que formulo pela prosperidade do País, votos de que peço o cumprimento à divina Providência.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana